



## Resenha

SEGATO, Rita L. **La Guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de sueños, 2016. E-book. ISBN 13: 978-84-945978-5-5. Disponível em: <https://www.traficantes.net/libros/la-guerra-contra-las-mujeres>. Acesso em 15 dez 2019.

Por Ana Carolina Santana Moreira<sup>1</sup> - [anamoreira@ufgd.edu.br](mailto:anamoreira@ufgd.edu.br)

### **Traficantes de Sueños**

Ao apresentar-se, Traficantes afirma que não se trata de uma editora no sentido comum da palavra, nem de um selo ou uma casa editorial, mas sim de um projeto, no sentido estrito de <aposta>, que se dirige a cartografar as linhas constituintes de outras formas de vida<sup>2</sup>.

A editorial coloca-se como uma caixa de ferramentas teóricas e práticas que podem compor as lutas das próximas décadas, estabelecendo uma forma outra de laço entre a palavra escrita e a ação de mudança social. Despe-se da sacralidade do livro, do narcisismo literário e da lealdade aos ladrões do saber, oferecendo livre acesso ao conhecimento.

Com uma postura de circulação livre de ideias e práticas permitem reprodução total ou parcial dos textos publicados, “[...] em cualquier formato imaginable” (SEGATO, 2016. p. 05), servindo portanto à difusão ampla com uso de redes - físicas e virtuais - de teorias e saberes que possuem o potencial de ser tanto fundamento quanto resultado das lutas sociais, no caso desta obra específica, servindo àquelas que buscam emancipação das mulheres e a superação do patriarcado.

Importante destacar que o livro é circulado gratuitamente, porém houve custo para sua produção, portanto é possível contribuir com doações para Traficantes de Sueños por meio digital. É ainda possível adquiri-lo, em papel, nas livrarias, apesar da circulação gratuita virtual.

---

<sup>1</sup> Advogada. Bacharela em Direito e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Chefe do Núcleo de Estudos de Diversidade de Gênero e Sexual da Universidade Federal da Grande Dourados.

<sup>2</sup> Tradução livre do trecho “[...] un proyecto, en el sentido estricto de «apuesta» que se dirige a cartografiar las líneas constituyentes de otras formas de vida.” (SEGATO, 2016. p. 05)



### **A Guerra<sup>3</sup>**

O livro se apresenta na forma de compilado de sete conferências/artigos da autora, realizados em períodos históricos diferentes, mas que possuem como mote central os seguintes temas *1 - Centralidade da questão de gênero; 2 - Pedagogia patriarcal, crueldade e a guerra hoje; 3 - O mascaramento da centralidade do patriarcado como pilar edificante de todos os poderes; 4 - Em direção a uma política feminina.*

O ano de publicação, 2016, é particularmente significativo para a população brasileira, pois trata-se do ano em que Dilma Rousseff, a primeira mulher eleita e reeleita presidenta da nação, foi extirpada do cargo à força, evento que seu vice e substituto reconheceu como golpe após sair do governo<sup>4</sup> e que ilustra dramaticamente a violência que paira sobre toda e qualquer mulher no sistema patriarcal.

Por meio do tema 01 - *centralidade da questão de gênero*, Segato nos leva à reflexão sobre a ascensão dos discursos conservadores que evocam a família tradicional, o moralismo e o estilo de vida cristão em oposição ao que estes grupos chamaram de <ideologia de gênero>, aberração teórica criada por um escritor cristão e disseminada como se fosse o fundamento de todo o mal que corromperia as relações das <pessoas de bem>.

A autora nos leva a pensar sobre as últimas décadas em que houve um alargamento de garantia de direitos para comunidades indígenas, mulheres, pessoas negras e LGBTIs, ponderando sobre a construção, em diversos países da América Latina, das chamadas democracias multiculturais, que permitiram a criação de elites identitárias.

Mesmo sabendo que estes movimentos políticos não tiveram o condão de modificar as relações econômicas para redução do abismo entre pobres e ricos, nem chegaram a ameaçar destruir as estruturas de acumulação e reprodução do capital, o crescimento do discurso em prol da destruição deste sistema vem desmantelando a ordem política de tais países.

Porém qual seria o motivo pelo qual essas democracias multiculturais agora parecem sob os discursos moralistas, cristãos e familiares que se aproximam das violentas teocracias islâmicas? Segato nos mostra que, antes de muitos de nós darmos conta, estes grupos conservadores já identificavam o fundamento de todo poder que estava sob ataque: o

---

<sup>3</sup> Este texto foi elaborado ao som da música Miss Beleza Universal, de Doralyce. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=A\\_yALioIXNg](https://www.youtube.com/watch?v=A_yALioIXNg). Acesso em: 15 jan 2020.

<sup>4</sup> TEMER, Michel. Entrevista ao programa Roda Viva, São Paulo-SP, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W45xyv5qLmE>. Acesso em: 17 dez 2019.



patriarcado, pois “[...] lejos de ser residual, minoritaria y marginal, la cuestión de género es la piedra angular y eje de gravedad del edificio de todos los poderes.” (SEGATO, 2016: 15).

O caminho do tema 02 - *pedagogia patriarcal, crueldade e a guerra hoje* nos leva ao conhecimento de algumas expressões pelas quais a autora é conhecida: mandato de masculinidade, ética da insatisfação e pré-história patriarcal da humanidade (SEGATO, 2016: 18-19).

Trata-se de realizar um resgate histórico do mito fundante do patriarcado, a transformação das particularidades masculinas para a universalidade de sua política, ou seja, demonstrar como o homem com minúscula tornou-se Homem com maiúscula, sinônimo e paradigma da humanidade, utilizando-se de discursos e práticas violentas e coloniais de exclusão, exploração e domínio.

Segato nos orienta pela história humana apontando para a antiguidade da ideia de prevalência masculina sobre as mulheres, a necessidade do masculino em colocar-se ao centro e, por consequência, relegar o feminino para a margem, uma vez que variados mitos fundantes dos povos fazem referência à culpabilização do feminino pela desgraça humana, sendo o mito do gênesis cristão um dos exemplos:

Ese episodio fundacional de toda historia humana, omnipresente en las historias míticas de los pueblos, es una prueba de la prioridad de la sujeción de género como molde primordial de todas las otras formas de dominación, aunque plenamente histórico justamente porque aparece narrado en la forma compacta del relato del pasado que son las mitologías. (SEGATO, 2016: 92-93).

Tal mandato de masculinidade se expressa como pedagogia da crueldade, agindo justamente pela violência, pois para ser aceito por seus pares, homens são impelidos a agir com violência sobre feminilidades para assim constituírem-se enquanto pertencentes do masculino.

O ato violento é ao mesmo tempo prova do pertencimento ao grupo, criador do masculino e dominador do feminino. Nesse sentido não existe, por exemplo, violência sexual, já que seu mandato fundamental não é de ordem libidinal ou sexual, mas sim de reconhecimento e construção da masculinidade.

O período colonial-moderno é, para a autora, o período de consolidação deste sistema mandatário histórico e discursivo, mas também de transformação para o patriarcado de baixa intensidade que vivemos hoje. Sem que haja uma fissura desse “cristal duro” (SEGATO,



2016: 20) no qual se apoiam as relações hierárquicas, que fundamenta todos os poderes e origina todas as desigualdades e expropriações, não há mudança estrutural possível.

É o corpo das mulheres o território principal da guerra atual. A colonização extrapola a conquista violenta sobre a terra e toma parte nos corpos de mulheres da América Latina ainda hoje. Sem a diminuição da importância política, econômica e cultural dos corpos femininos não se sustentam os poderes patriarcais. Não à toa o comércio e exploração sexual destes corpos - assim como das crianças- é tratado como estratégia de guerra há muito tempo e não se vislumbra sua extinção, pois são corpos que não encarnam o outro bélico. De fato *“Ha sido constitutivo del lenguaje de las guerras, tribales o modernas, que el cuerpo de la mujer se anexe como parte del país conquistado.”*(SEGATO, 2016: 47).

A fim de que se encerre esta guerra a autora nos convida a, em parceria com os homens, desmontar o mandato de masculinidade, ou seja, o próprio patriarcado, uma vez que não haverá paz verdadeira antes de existir paz de gênero (SEGATO, 2016: 23).

Como tema 03 temos *o mascaramento da centralidade do patriarcado como pilar edificante de todos os poderes*, que aponta para o discurso que estabelece uma visão binária do mundo, onde existe o paradigma universal e central masculino de ordem pública e o residual marginalizado e não-público feminino. Nesse sentido a violência contra as mulheres e os feminicídios não encontram lugar central no Direito, nos meios de comunicação nem na opinião pública, uma vez que são tratadas como questões particulares de determinado grupo.

Para Segato é necessária a superação dos vários binarismos decorrentes do patriarcado, como por exemplo o público e o privado. Ao contrário do enunciado feminista dos anos 70 - em que o privado é político - ela propõe a domesticação dos espaços e relações públicas, trazendo para a comunidade o estabelecimento de relações que se dão no ambiente privado, a exemplo das práticas e saberes amefricanos e de povos comunitários.

A proposta é deixar de lado as utopias autoritárias que pregam um futuro sem desigualdades, fruto da gerência eficaz do Estado e do domínio legal, estabelecidas a partir do imaginário controlador eurocêntrico, e espelhar-se em exemplos concretos dos povos de organização comunitária. Povos que mesmo após mais de quinhentos anos de genocídio e expropriação se estruturam em comunidades com baixa desigualdade e não se rendem ao desejo capitalista de acumulação desenfreada.



Dessa maneira as discussões sobre relações de gênero e a centralidade do feminino devem ser trazidos de volta à tona, a fim de instrumentalizar as mudanças estruturais nas bases do patriarcado:

Es decir, no se trata meramente de introducir el género como uno entre los temas de la crítica descolonial o como uno de los aspectos de la dominación en el patrón de la colonialidad, sino de darle un real estatuto teórico y epistémico al examinarlo como categoría central capaz de iluminar todos los otros aspectos de la transformación impuesta a la vida de las comunidades al ser captadas por el nuevo orden colonial moderno. (SEGATO, 2016: 111).

O anúncio de uma política feminina como tema 04 traz as possibilidades de estabelecimento de outros laços, a exemplo das tramas privadas tecidas historicamente por mulheres. A modernidade trouxe consigo o domínio da racionalidade masculina, das distâncias, guerras, burocracias e protocolos próprios dos Estados nacionais, assim como a marginalidade para tudo que é feminino, privado, doméstico. É preciso resgatar as proximidades das relações, a domesticidade das práticas e a informalidade dos saberes. Uma política que seja feminina também no espaço público.

Para tanto é preciso ser mais que um agrupamento de pessoas com finalidade definida, pois uma comunidade necessita compartilhar histórias, com seus conflitos e problemas, seus membros devem sentir pertencimento ao grupo, ter uma cosmologia ou religiosidade e buscar construir um futuro em comum. A cosmologia deve estar a serviço dos laços, das relações, pois é no fortalecimento dos vínculos que deixa-se de estar vulnerável ao fetichismo das coisas e à coisificação de pessoas.

Uma política feminina não serve ao desenvolvimento, à acumulação e reprodução do capital, mas sim à humanidade, à qualidade das relações, à proximidade entre as pessoas e aos afetos e vínculos. Aconselha Segato que “Necesitamos recuperar lo que restó y existe en nuestros paisajes después del gran naufragio y reconstruir la vida” (SEGATO, 2016: 31), pois ao contrário da frieza das burocracias e da república, do monopólio e da exclusividade do masculino é preciso que advenha uma vida feminina, plural, variada e afetuosa.

#### **Da autora**

Rita Laura Segato é antropóloga e feminista argentina, nascida em 14 de agosto de 1951, tornou-se atualmente uma referência para estudos sobre relações de gênero,



decolonialidades e pós-colonialidades, racismo, povos indígenas e latinoamericanos. Popularizou expressões como *violência de gênero* e *mandato de masculinidade*, abordando questões como patriarcado, violências contra mulheres e colonialidade.

Foi também professora do Departamento de Antropología da Universidade de Brasília entre 1985 e 2010, e professora dos Programas de Pós-graduação em Bioética e em Direitos humanos até se aposentar como professora titular em 2017. Dirige o Grupo de Pesquisa Antropologia e Direitos Humanos do CNPq e foi pesquisadora em diversas universidades nos Estados Unidos (City University of New York-CUNY - 1992, Rice University, Houston -1994 - 1995; Wisconsin University, Madison - 1999).

Publicou, entre outros, os seguintes livros, além de numerosos artigos: Santos e Daimones (Editora da Universidade de Brasília 1995 e 2005. 2a. edição); Las Estructuras Elementales de la Violencia (Buenos Aires: Prometeo, 2003 y 2013, 2ª. Edição); La Escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez. Territorio, Soberanía y Crímenes de Segundo Estado (México, DF: Universidad del Claustro de Sor Juana, 2006); La Nación y sus Otros (Buenos Aires: Prometeo, 2007); L'OedipeNoir (Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2014); Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres (México, DF: Pez en el Árbol, 2014); La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una Antropología por Demanda (Buenos Aires: Prometeo, 2015); La Guerra contra las Mujeres (Madrid: Traficantes de Sueños, 2016). Co-editou o volume Religions in transition (Uppsala Studies in Cultural Anthropology, 2003).

Participou da primeira proposta de cotas para estudantes negros e indígenas na educação superior do Brasil, e também, com 41 mulheres indígenas, da primeira proposta de políticas públicas para mulheres indígenas (2002). Colaborou com a FUNAI na série de oficinas realizadas entre 2003 e 2012 junto a mulheres indígenas de todo o país, assim como também com organizações de mulheres do México, El Salvador, Guatemala, Nicaragua e Honduras. Foi juíza do Tribunal Permanente dos Povos Capítulo México (2014) e no Tribunal de Justicia y Defensa de los Derechos de las Mujeres, Foro Social Panamazónico, Tarapoto, Amazonia Peruana, 2017.

A revista mexicana La Tempestad a incluiu entre os quatro intelectuais representativos do Pensamiento Latinoamericano contemporaneo (março, 2017). Para a agência espanhola

EsGlobal foi uma das 30 intelectuais ibero-americanas mais influentes em 2017 e em 2018 recebeu o Prêmio Latino-americano y Caribenho de Ciências Sociais CLACSO 50 anos<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Informações com base no texto informado pela autora na plataforma Lattes (disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780274D6>).